



**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DO SUBPROJETO PEDAGOGIA VIRTUAL NA
ESCOLA EDUCAÇÃO BÁSICA PROFESSORA CLAUDETE MARIA
HOFFMANN DOMINGOS E NO CENTRO EDUCACIONAL GOVERNADOR
VILSON KLEINUBING**

Jussara Machado Nitschke
Patrícia de Bem Serafim

**1. Práticas pedagógicas de Iniciação à Docência nos Anos Iniciais e Educação Infantil
Comunicação Científica de Iniciação à Docência**

Resumo

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) contempla a Alfabetização e Letramento, por meio de diferentes estratégias, para alunos de turmas iniciais do Ensino Fundamental de Escolas Públicas. O Projeto conta com a atuação de 15 bolsistas do Curso de Licenciatura Pedagogia da Unisul, que ministram aulas, oficinas e brincadeiras no contraturno. O Projeto acontece nas seguintes escolas da Região da Grande Florianópolis: Escola Estadual Básica Professora Claudete Maria Hoffmann Domingos e Centro Educacional Municipal Governador Vilson Kleinubing, atendendo um número de aproximadamente 80 crianças, com faixa etária entre 8 e 10 anos, durante dois meses. Pelos resultados apresentados, o trabalho vem mostrando a importância da mediação pedagógica nas atividades desenvolvidas, pois, por meio da aplicação de técnicas, brincadeiras, jogos, histórias e diferentes leituras, está refletido o desenvolvimento das crianças que, muitas vezes, se sentem tristes e excluídas por não conseguirem ler e/ou escrever.



No Centro Educacional Governador Vilson Kleinubing, o projeto tem apoio e participação das professoras que selecionam os alunos que precisam do reforço escolar. Estas crianças são encaminhadas para o atendimento com as bolsistas de iniciação à docência. Neste Semestre foram trabalhados os Projetos: Diversidade e Inserção das bolsistas na prática da rotina escolar.

O trabalho na EEB Professora Claudete Maria Hoffmann Domingos, proporcionou aos bolsistas do Curso de Pedagogia da Unisul, além da formação, a participação em experiências metodológicas, unindo teoria e prática docentes, buscando a superação de problemas identificados no processo ensino-aprendizagem de alfabetização dos alunos do Ensino Fundamental – séries iniciais. No primeiro semestre de 2017 trabalharam com os projetos: Hora do Conto, Alfabetização e Letramento e Recreio Monitorado.

Como reforça Santos (2013), a educação deve não apenas formar trabalhadores para as exigências do mercado de trabalho, mas cidadãos críticos capazes de transformar um mercado de exploração em um mercado que valorize uma mercadoria cada vez mais importante: o conhecimento. Dentro desse contexto, é imprescindível proporcionar aos educandos uma compreensão racional do mundo que o cerca, levando-os a um posicionamento de vida isento de preconceitos ou superstições e a uma postura mais adequada em relação a sua participação como indivíduo na sociedade em que vive e do ambiente que ocupa.

Palavras chaves: Teoria. Prática. Alfabetização. Formação.

Projeto Diversidade

O Projeto Diversidade do Programa de Iniciação de Bolsas à Docência (PIBID) tem sido utilizado como referência para o planejamento das atividades propostas aos alunos inscritos no programa de Alfabetização e Letramento, oferecido no Centro Educacional Municipal Governador Vilson Kleinubing.



A escolha do pelo Projeto Diversidade se dá pelo fato de termos muitas diferenças presentes na nossa escola: negros, mulatos, língua, deficientes, pobres, ricos, sexo, religião, dentre outras diferenças.

[...] as diferenças se distribuem na população de um modo complexo. Além daquelas que podem ser identificadas no plano de cada indivíduo específico, não há como negar que há diferenças grupais devidas à raça, gênero, idade, cultura e até mesmo condições físico-geográficas do ambiente imediato. Então, cada pessoa se apresenta como uma combinação de uma miríade de traços individuais e de diferentes grupos aos quais pertence. (OMOTE, 2006, p. 253-254).

No andamento do projeto procuramos fazer diferentes atividades, aprofundando os temas sobre diversidade, procurando sempre destacar que todos nós somos diferentes, mas temos valores e precisamos sempre lutar para nos tornarmos iguais, mesmo diante das diferenças e exclusões provocadas e manifestadas por uma sociedade que ainda discrimina muito apesar das lutas.

Algumas atividades, como a leitura em voz alta pelo professor e pelos alunos do livro “Ninguém é igual a ninguém”, de Regina Otero e Regina Rennó, e a reprodução e audição da música “Ninguém é igual a ninguém”, do compositor Milton Karam, têm sido utilizadas nos encontros. Após ouvir a música ou ler o livro os alunos relatam experiências relacionadas ao tema da Diversidade vividas no ambiente escolar e familiar. Em um dos encontros, os alunos tiveram a oportunidade de produzir dedoches com suas características físicas e, logo em seguida, escreveram uma pequena história de seus dedoches com suas escolhas e preferências. A atividade consistia também em ler o texto produzido em voz alta, apresentando assim o dedochê.

Dedochê são fantoches utilizados nos dedos que podem ser usados para contar histórias e fazer teatro infantil. São também uma ótima opção de presente para surpreender as crianças, pois elas podem



usar a imaginação e a criatividade para inventar lindas histórias. Tudo que ajuda no desenvolvimento infantil é uma boa sugestão para criar para as crianças. Além de chamar a atenção pelas cores e o movimento das mãos, eles conseguem distrair e fazer com que as crianças pensem em como aquele pequeno personagem pode fazer parte de uma grande história. Os dedoches estimulam a memória e o raciocínio, eles ilustram e dão mais vida às histórias. (MAGALHÃES, 2010).

As atividades foram realizadas de acordo com orientação teórica e prática, alinhadas às principais preocupações do Ministério da Educação, como pode ser lido na Coleção Educação para Todos, no volume 07, 'Educação como Exercício de Diversidade', publicado no site do Ministério. Em artigo de Antônio Flavio Barbosa Moreira e Vera Maria Candau, intitulado "Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos", lemos:

Pérez Gómez (1998, p.17) propõe que entendamos hoje a escola como um espaço de "cruzamento de culturas". Tal perspectiva exige que desenvolvamos um novo olhar, uma nova postura, e que sejamos capazes de identificar as diferentes culturas que se entrelaçam no universo escolar, bem como de reinventar a escola, reconhecendo o que a especifica, identifica e distingue de outros espaços de socialização: a "mediação reflexiva" que realiza sobre as interações e o impacto que as diferentes culturas exercem continuamente em seu universo e seus atores.

Deste modo, as atividades planejadas estimulam o comportamento inclusivo e saudável e proporcionam o conhecimento e respeito aos diversos gostos, culturas e linguagens. A inclusão das diferenças na escola pode ensinar a todos envolvidos no processo, devemos então a partir de nós educadores essa inclusão, tendo como princípio que o professor acolhe e contribui para que a inclusão aconteça. Dessa forma, os alunos



vão perceber e se espelhar em no comportamento dos professores.

O desenvolvimento do projeto diversidade tem se dado de maneira lúdica, com jogos, atividades, brincadeiras, músicas e histórias, relacionadas ao tema.

Foi trabalhado o livro “Menina bonita do laço de fita”, que exalta a beleza da menina negra, fugindo dos contos de fadas tradicionais, com suas princesas loiras de olhos azuis. Essa história mostra o contrário do que se costuma ver: o coelho branco é que gostaria de ter a cor da menina bonita, mostrando assim, que a beleza negra é almejada.

A música “Você vai gostar de mim”, trabalha-se a letra que fala de algumas de nossas características e a mensagem que traz é que não importa a nossa aparência, mesmo que sejamos um diferente do outro, devemos nos amar e nos aceitar do jeito que somos e aceitar o próximo assim como ele é.

A história da “Maria vai com as outras” também foi trabalhada de maneira que cada um entenda que somos diferentes, todos somos formadores de opiniões, que não precisamos pensar ou fazer algo só porque todos fazem.

Em uma oportunidade, uma das bolsistas contou sobre sua viagem ao Haiti, relatando a tragédia que aconteceu e acontece sempre por lá, como aquele povo sobrevive, mostrando que existem pessoas que vivem uma realidade bem diferente da nossa.

O objetivo em falar sobre o Haiti foi transmitir a eles não somente sobre a diversidade cultural, racial ou religiosa, mas também despertar um sentimento fraterno, demonstrando que mesmo sendo diferentes, cada um tem sua cultura, raça e credo e devemos respeitar, ajudar e amar uns aos outros.

No que diz respeito ao ensino aprendizagem por meio do projeto, percebemos pelos registros diários, relatórios dos bolsistas e diálogos com os professores das turmas que participam do projeto PIBID que houve progresso e uma aprendizagem significativa em relação aos alunos que apresentam dificuldades relacionadas à leitura e à escrita. Alunos que não dominavam o código alfabético, hoje reconhecem as letras e seus sons, formam frases e pequenos textos. Também em sala de aula os professores reconhecem que os mesmos estão mais seguros e confiantes, participando mais das atividades tanto de forma oral como escrita. Atribui-se isso ao fato de a inclusão das diferenças estar sendo trabalhada no ambiente escolar, no espaço da sala de aula. Trabalhar as diferenças trouxe



muitas mudanças.

-Inserção das bolsistas de iniciação à docência na prática da rotina escolar

O projeto de inserção das bolsistas de iniciação à docência na sala de aula surgiu com a ideia de observar e aprender como funciona a rotina de uma sala de aula e ampliar o conhecimento profissional.

O aperfeiçoamento da prática educativa é o objetivo básico de todo educador como meio para que todos os alunos consigam obter o maior grau de competência, conforme suas possibilidades reais. O alcance dos objetivos por parte de cada aluno é um alvo que exige conhecer os resultados e os processos de aprendizagem que os alunos seguem. Para melhorar a qualidade do ensino é preciso conhecer e avaliar a intervenção pedagógica dos professores. Tanto os processos de aprendizagem como os de ensino são um meio para ajudar os alunos em seu crescimento e, é um instrumento que permite ao professor melhorar sua atuação em sala de aula. (ZABALA, 1998).

A experiência em sala de aula é um paralelo entre a teoria apreendida na faculdade e a prática vivenciada nas atividades do projeto. É no decorrer dessa jornada os bolsistas do programa têm a oportunidade de adquirir um aprendizado acompanhando o cotidiano escolar fora da sala do PIBID, uma sala que tem uma realidade diária de atender mais de 25 alunos. É uma oportunidade de conversar diretamente com os alunos, escutar e sanar suas dúvidas. O ato de observar e analisar o desenvolvimento das crianças é enriquecedor, a cada dia e, a cada momento, eles nos mostram o quanto ainda eles têm a aprender e o quanto eles têm a nos ensinar.

Sem dúvida, o professor além de ser educador e transmissor de



conhecimento, deve atuar, ao mesmo tempo, como mediador. Ou seja, o professor deve se colocar como ponte entre o estudante e o conhecimento para que, dessa forma, o aluno aprenda a “pensar” e a questionar por si mesmo e não mais receba passivamente as informações como se fosse um depósito do educador. (BULGRAEN, 2010, p. 31).

Vale destacar que, para que o professor tenha êxito em sua empreitada, a de educar, considera-se como um dos fatores importantes, a afetividade da relação aluno-professor em sala de aula, pois se deve levar em conta que muitas crianças não têm em casa o afeto necessário para alavancar sua autoestima. Entende-se que a afetividade em sala de aula pode auxiliar o professor e o aluno a atingirem seus objetivos, seja este para alfabetizar ou para a apropriação do conhecimento em classes mais avançadas.

As relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre pessoas. Portanto, na relação professor-aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente. (ALMEIDA, 1999).

Cada um no seu momento, no seu ritmo, na sua maneira de se expressar bem aos poucos vai demonstrando pequenas evoluções de todo um processo que é a alfabetização. Nos primeiros dias de aula, a professora e a bolsista tem uma tarefa imprescindível: descobrir o que cada aluno sabe sobre o sistema de escrita. É a chamada sondagem inicial (ou diagnóstico da turma), que permite identificar quais hipóteses sobre a língua escrita as crianças têm e, com isso, adequar o planejamento das aulas de acordo com as necessidades de aprendizagem. Ela permite uma avaliação e um acompanhamento dos avanços na aquisição da base alfabética e a definição das parcerias de trabalho entre os alunos. Além disso, representa um momento no qual as crianças têm a oportunidade de refletir, com a ajuda do professor, sobre aquilo que escrevem. A turma se encontra no momento pré-silábico.

Os direcionamentos feitos pelas bolsistas são no sentido de observar e registrar todas as impressões e contar como foi o processo de alfabetização escolar -acompanhada



da professora regente em sala de aula.

Na visão de Paulo Freire (1996): “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”. Assim, a experiência das bolsistas dentro da sala de aula, acompanhando a turma e observando o professor regente tem como os seguintes objetivos:

- a) Conhecer as necessidades da turma;
- b) Observar o desenvolvimento e as necessidades dos alunos;
- c) Auxiliar os alunos no que eles precisarem e interferir quando necessário;
- d) Instigar os alunos ao conhecimento prévio e motivá-los.
- e) Observar as formas peculiares de ensinar e aprender;
- f) Possibilitar que as bolsistas de iniciação à docência aprendam como o professor se dirige em sala de aula;
- g) Analisar as necessidades de uma sala de aula como um todo;
- h) Planejar de forma objetiva.

O projeto sobre -a inserção das bolsistas de iniciação à docência na prática da rotina escolar apresentou resultados expressivos. Conforme o relato de uma das bolsistas, o papel do educador, surge como interventor dos avanços inerentes ao processo de construção de conhecimento, e os alunos precisam estar juntos no processo que envolve redescobertas, dessa maneira eles percebem e sentem de verdade que a leitura é um elemento essencial para a vida. estar com eles em sala é fantástico, uma experiência impar porque acompanhamos o desenvolvimento dos alunos. Assim inicia-se o semeio da sementinha do saber.

Afirmando o que Paulo Freire (1996) diz: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Um exemplo de aula que foi iniciada de uma maneira diferente, a professora regente ficou com a metade da turma em sala para fazer uma avaliação e a bolsista saiu com a outra metade da turma para revisar o aprendizado do alfabeto e dos números estudados em sala, de uma forma mais lúdica, com a realização de muitas brincadeiras e sem o uso do quadro e dos cadernos como a turma está acostumada. Retornando para a sala



foram exploradas a identificação e pintura das letras identificadas.

Jogos e brincadeiras lúdicas são mais do que atividades divertidas e podem ser muito utilizadas na alfabetização infantil, os jogos e brincadeiras ajudam a estimular habilidades essenciais para o desenvolvimento pedagógico infantil.

De acordo com Gadotti (1992, p. 70) é preciso saber e entender que,

Todo ser humano é capaz de aprender e de ensinar, e, no processo de construção do conhecimento, todos os envolvidos aprendem e ensinam. O processo de ensino-aprendizagem é mais eficaz quando o educando participa, ele mesmo, da construção do ‘seu’ conhecimento e não apenas “aprendendo o conhecimento.

Hora do Conto

O Projeto da Hora do Conto possibilita aos educandos do 1ª ao 3ºano da EEB Professora Claudete Maria Hoffmann Domingos, o momento de audição de histórias também auxilia no processo de desenvolvimento individual dos alunos, tanto dentro da escola, como também nas suas relações sociais em outros espaços. Busca levar os alunos ao mundo da imaginação e ao mesmo tempo a descobrirem o maravilhoso universo da literatura infantil.

Com o Projeto da Hora do Conto buscou-se descobrir o que os alunos já sabiam sobre a literatura infantil, tentando desta maneira ampliar os seus repertórios por meio de atividades relacionadas aos diversos tipos de gêneros textuais, da análise e interpretação e exposição de ideias inter-relacionadas ao contexto social. (BAKNTIN, 1992, p. 127).

O projeto da Hora do Conto estimula e desenvolve a imaginação, o hábito de ouvir com atenção, enriquece e amplia o vocabulário, permitindo a livre expressão, promovendo e estimulando a linguagem oral, possibilitando, assim, a participação e opinião das crianças



diante das atividades propostas no dia a dia.

A dinâmica do trabalho de contação de histórias na EEB Professora Claudete Maria Hoffmann Domingos se dá basicamente por meio de exposição oral. No entanto, as contadoras também utilizam exposição de figuras e imagens relacionadas ao tema.

Segundo Girardello (2014, p. 76),

A imaginação é para a criança um espaço de liberdade e de decolagem em direção ao possível, quer realizável ou não. A imaginação da criança move-se junto – comove-se – com o novo que ela vê por todo o lado no mundo. Sensível ao novo, a imaginação é também uma dimensão em que a criança vislumbra coisas novas, presente ou esboça futuros possíveis. Ela tem necessidade da emoção imaginativa que vive por meio da brincadeira, das histórias que a cultura lhe oferece, do contato com a arte e com a natureza, e da mediação adulta: o dedo que aponta, a voz que conta ou escuta, o cotidiano que aceita.

Para tornar o processo mais significativo, as contadoras utilizam adereços, sendo assim, uma alternativa para aproximação de certa forma das personagens em sua realidade.

Acreditamos que o aluno só saberá a importância da leitura, se criar o hábito e sentir o prazer em ler, porque a literatura é a representação de uma cultura. Ou seja, estar em contato com a literatura é aprender um pouco de uma cultura.

Góes (1991, p. 23) menciona que:

Os leitores infantis devem atender as necessidades fundamentais da infância [...]. Assim, é importante que os assuntos escolhidos correspondem ao mundo da criança e ao seu interesse, facilitem progressivamente suas descobertas e sua entrada social e cultural no mundo dos adultos e lhe forneça elementos de julgamento nesse campo, levam em conta as condições de vida da criança e a



diversidade de regiões, países.

A escola deve ser um lugar em que a convivência com a literatura aconteça de fato, permitindo o contato com diferentes autores e estilos, reavivando a capacidade de olhar e ver o que é a essencial nas histórias.

Incentivar a formação do hábito de leitura na idade em que todos os hábitos se formam, isto é, na infância, é muito importante. Neste sentido a literatura infantil é uma peça fundamental para este desenvolvimento.

A Hora do Conto na EEB Professora Claudete Maria Hoffmann Domingos é realizada para as turmas do primeiro ao terceiro ano do Fundamental I a cada quinze dias, sendo que a cada semana anterior à hora do conto, as bolsistas realizam todo o planejamento e confecção de adereços que serão utilizados na história a ser contada.

Percebe-se grandes avanços em todos os grupos de crianças desde o início do semestre, pois foi estabelecido com cada grupo alguns combinados para o momento da hora do conto, como por exemplo, a maneira de se comportar durante a contação de histórias, esperar a vez para falar e respeitar os amigos e a contadora.

Ao final de cada contação de histórias é realizada uma roda de conversas, para que as crianças se expressem suas ideias. Também socializam oralmente as leituras que realizaram sozinhos, o que possibilita perceber o quanto aprendem com algo novo neste momento, como por exemplo, um nome de cidade, palavras desconhecidas, autores, cantores e outros.

Salientamos sobre a importância de preparar um planejamento significativo para crianças, pois a proposta da hora do conto contribui para formar futuros leitores e escritores.

Procuramos trabalhar com diversos gêneros textuais e com a música, para ampliar o repertório das crianças atendidas, possibilitando o encantamento pelas diversas formas de literatura. Recontar histórias é outra atividade que pode ser desenvolvida pelas crianças. Elas podem contar histórias conhecidas com a ajuda



do professor, reconstruindo o texto original à sua maneira. Para isso podem apoiar-se nas ilustrações e na versão lida. Nessas condições, cabe ao professor promover situações para que as crianças compreendam as relações entre o que se fala o texto escrito e a imagem. O professor lê a história, as crianças escutam, observam as gravuras e, frequentemente, depois de algumas leituras, já conseguem recontar a história, utilizando algumas expressões e palavras ouvidas na voz do professor. Nesse sentido, é importante ler as histórias tal qual está escrita, imprimindo ritmo à narrativa e dando à criança a ideia de que ler significa atribuir significado ao texto e compreendê-lo. (REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL, 1998, p. 144).

A literatura infantil é um caminho que leva a criança a desenvolver a imaginação, emoções e sentimentos de forma prazerosa e significativa. É importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas e muitas histórias, pois é por meio dos livros e contos infantis que a criança enfoca a importância de ouvir, contar e recontar histórias. Segundo Fanny Abramovich (1993, p. 16), “[...] escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo[...]”.

Incentivar a formação do hábito de leitura na idade em que todos os hábitos se formam, isto é, na infância, é muito importante. Neste sentido, a literatura infantil é uma peça fundamental para este desenvolvimento.

Participar do PIBID com a proposta da Hora do Conto é muito importante para as bolsistas, pois percebem a cada dia, a cada estratégia preparada, o quanto é necessário favorecer esse tempo para as crianças ouvirem e apreciar histórias.

Alfabetização e Letramento: Reforço Escolar



O Projeto da Alfabetização e Letramento proporciona aos bolsistas do Curso de Pedagogia Virtual da Unisul, além da formação, a participação em experiências metodológicas que unem a teoria e a prática docentes, buscando a superação de problemas identificados no processo ensino-aprendizagem de alfabetização e letramento dos alunos do Ensino Fundamental I (séries iniciais). Para isso, é necessário entender que alfabetização e letramento são processos diferentes, mas complementares.

O conceito de alfabetização, por muito tempo, ficou atrelado à ideia de que para aprender a ler era necessário apenas a capacidade de decodificar os sinais gráficos, transformando-os em sons, e de que para aprender a escrever era necessário apenas desenvolver a capacidade de codificar os sons da fala, transformando-os em sinais gráficos.

A partir da década de 1980, várias teorias mostram que o aprendizado da escrita não se reduziria ao domínio da correspondência entre grafemas e fonemas (a decodificação e a codificação), mas se caracterizaria como um processo ativo, por meio do qual, desde os primeiros contatos com a escrita, a criança construiria e reconstruiria hipóteses sobre a natureza e o funcionamento da língua escrita como um sistema de representação.

Segundo Cagliari (1998, p. 29),

O processo de alfabetização inclui muitos fatores e, quanto mais ciente estiver o professor de como se dá o processo de aquisição de conhecimento, de como uma criança se situa em termos de desenvolvimento emocional, de como vem evoluindo o seu processo de interação social, da natureza da realidade linguística envolvida no momento em que está acontecendo a alfabetização, mais condições terá esse professor de encaminhar de forma agradável e produtiva processo de aprendizagem, sem os sofrimentos habituais.

O conceito de letramento entra em cena e amplia a visão de alfabetização, chamando a atenção não apenas para o domínio da prática de ler e escrever (codificar e decodificar), mas também para os usos dessas habilidades em práticas sociais em que ler e



escrever é necessário.

Magda Soares (1998, p. 16) define letramento como: “o resultado da ação de ensinar e apreender as práticas sociais de leitura e escrita; é o estado ou condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais”.

Trata-se, portanto, de um processo que tem início quando a criança começa a conviver com as diferentes, manifestações de escrita na sociedade (rótulos, placas, revistas entre outros) e se prolonga por toda a vida, com crescente possibilidade de participação nas práticas sociais que envolvam a língua escrita (leitura e redação de cartas, de convites, de avisos, de obras literárias, por exemplo).

Alfabetização e letramento são processos diferentes, cada um com suas especificidades. Porém, ambos são indispensáveis quando se leva em consideração a aprendizagem da leitura e da escrita.

Ainda segundo Magda Soares (1998, p. 11), a entrada da criança no mundo da escrita, ocorre simultaneamente por esses dois processos: “a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio da aprendizagem das relações fonema/grafema, isto é, em dependência da alfabetização”.

Indispensáveis para se garantir a inserção e a participação efetiva nas sociedades letradas, a alfabetização e o letramento são, portanto, processos diferentes, mas complementares e inseparáveis.

Letramento é pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever, bem como o resultado da ação de usar habilidades em práticas sociais, é o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da língua escrita e de ter-se inserido num mundo organizado diferentemente: a cultura escrita. (PRÓ-LETRAMENTO, 2007, p. 11).



Reconhecendo a especificidade de cada um desses processos, é preciso combinar a alfabetização e o letramento, assegurando aos alunos tanto a apropriação do sistema de escrita, como o domínio das práticas sociais de leitura e de escrita. Como consequência, o desafio que se coloca é “alfabetizar letrando”, ou seja, possibilitar que a alfabetização se desenvolva em um ambiente onde a criança conviva com variados portadores de texto ao mesmo tempo em que constrói a base alfabética.

É nesse processo de interação que se destaca o papel do professor (bolsista) como mediador entre a criança e o texto (objeto conhecimento). Nessa mediação, o professor deixa de ser o único possuidor e transmissor do conhecimento. Sua intervenção é planejada para favorecer a ação do aluno, exigindo do bolsista um conhecimento claro do processo de construção do conhecimento, para identificar o que a criança já sabe, como pensa, como lê e escreve, o que significam seus diferentes desempenhos e como agir para que continue evoluindo para os níveis seguintes.

O professor, como profissional da educação, é aquele que constrói sua prática pedagógica na relação dialética entre conhecimento e ação, entre o saber fazer e o saber sobre o fazer, “com o objetivo de conseguir um fim, buscando uma transformação [...] cuja capacidade de mudar o mundo reside na possibilidade de transformar os outros” (SACRISTÁN, 1999, p. 28).

Nesta prática o processo de letramento ocorre por meio de atividades desenvolvidas partindo de gêneros textuais diversos, jogos educativos, alfabeto móvel, computadores, livros diversos, música entre outros, envolvendo o ambiente escolar no processo de alfabetização e letramento com o objetivo de melhorar a compreensão da leitura e da escrita dos alunos em sala de aula, de acordo com o planejamento; e aos bolsistas a possibilidade de reflexão sobre a prática pedagógica, constituindo-se como instrumento indispensável na auto avaliação do fazer pedagógico e na mudança de atitudes.

Recreio Monitorado

Durante o período de recreio há uma grande concentração de alunos espalhados pelo pátio da escola e é neste momento que as crianças aproveitam o tempo livre para



correr e brincar. Brincam e correm o tempo do recreio sem o monitoramento de um adulto e é exatamente neste momento que acontecem muitas confusões e pequenos acidentes, porque geralmente as brincadeiras de correr são as preferidas.

Segundo Vygotsky (1991 apud DRAGO; RODRIGUES, 2009) “as maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade”. O autor ainda afirma que é brincando que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva e que o mesmo está, intrinsecamente, relacionado ao desenvolvimento da percepção, assim como, da memória, da afetividade e da imaginação.

Para minimizar esta situação, foi elaborado um planejamento entre a supervisora do PIBID juntamente com as bolsistas com a intenção de transformar este momento prazeroso e com atividades dirigidas.

A escola, por sua vez, pode contribuir para isso a partir de um melhor aproveitamento do tempo e espaço destinados ao recreio. Não apenas através da disponibilização de materiais, que podem inclusive ser confeccionados pelos próprios alunos, mas também através do oferecimento de espaços adequados e, principalmente, por meio da formação de grupos entre professores e pessoas da comunidade interessados em participar do planejamento e desenvolvimento de atividades lúdicas com os escolares (CARVALHO; PAPALÉO, 2010, p. 70).

Com a colaboração de um funcionário da escola (serviços gerais da Associação de Pais e Professores - APP) foram criados diversos jogos como: tabuleiros, jogos de encaixar, bola ao cesto, jogos de botão, xadrez, dama, corrida maluca, amarelinhas, vai-vem e caracol. Todos esses brinquedos foram confeccionados com materiais reciclados. As bolsistas também introduziram as brincadeiras com bolas, bambolês, elástico, cordas brincadeiras de morto e vivo e alguns circuitos utilizando materiais da área da Educação Física.

As atividades livres ou dirigidas, durante o período de recreio, possuem um enorme potencial educativo e devem ser consideradas pela escola na elaboração da sua Proposta Pedagógica. Os momentos de recreio livre são fundamentais para a expansão da criatividade, para o cultivo da intimidade dos alunos (BRASIL, 2003).



Sabemos o quanto a brincadeira é importante na vida de uma criança, principalmente no momento em que ela está interagindo com os amigos, não deixando de destacar que a brincadeira na vida de uma criança é essencial para seu desenvolvimento cognitivo, motor, imaginação criativa, construção de culturas e interações sociais. As brincadeiras ajudam as crianças a vivenciarem regras estabelecidas, aprendem a esperar a sua vez e também a ganhar e perder.

O fato de que a criança, desde muito cedo, pode se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira, faz com que desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras podem ser desenvolvidas algumas capacidades importantes, tais como: a atenção, concentração, socialização, orientação espacial, esquema corporal, a imitação, a memória, a imaginação.

Para Gislene de Campos Oliveira:

É importante, também, que ela tenha uma boa coordenação global, saindo-se bem ao se deslocar, transporta objetos e se movimentar em sala de aula e no recreio. Muitos dos jogos e brincadeiras, realizados nos pátios das escolas, são na verdade, uma preparação para uma aprendizagem posterior. Com eles a criança pode adquirir noções de localização, lateralidade, dominância, e conseqüentemente orientação espaço – temporal. Um fator importante para a educação escolar é o desenvolvimento do sentido de espaço e tempo. Uma boa orientação espacial poderá capacitá-la a orientar-se no meio com desenvoltura. (OLIVEIRA, 2008, p. 39).

As bolsistas procuram proporcionar aos alunos, durante a hora do recreio, o entretenimento dirigido, por meio de jogos e brincadeiras, tornando-o mais seguro, organizado e divertido, oportunizando o bom relacionamento.

O método é o caminho que será percorrido para alcançar os objetivos propostos, é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Cremos ser a



metodologia mais adequada para as ciências sociais, porque é aquela que, sem deixar de ser lógica, demonstra sensibilidade pela face social dos problemas. (DEMO, 1987, p.85).

Para tornar o momento da hora do recreio prazeroso e organizado as bolsistas procuram trabalhar de maneira significativa os jogos e as brincadeiras, estimulando a participação das crianças, trabalhando o bom relacionamento durante o período do recreio. Procuram desenvolver o pensamento e a imaginação, possibilitam também a participação e opinião das crianças diante das atividades propostas, orientam os alunos quanto a questão de não correr e evitar brincadeiras agressivas, incentivam a criança de forma prazerosa a participar das brincadeiras e jogos propostos, procuram administrar situações de desentendimento, tornando assim, o momento do recreio mais seguro e organizado.

Considerações finais

O PIBID trouxe resultados positivos principalmente aos bolsistas de iniciação à docência, pelo fato de na prática em sala de aula e escola estarem em contato direto com a realidade. Foi um momento de aprendizado e formação pela oportunidade oferecida por meio dos projetos, que trouxe bons resultados as crianças atendidas pelo programa em cada escola.

Pode-se constatar que o programa PIBID é necessário para a Formação das alunas de iniciação à docência do Curso de Pedagogia, pois proporciona a esses futuros profissionais da Educação, a oportunidade de unir teoria e prática, refletindo o seu fazer pedagógico e, aos alunos com dificuldades de aprendizagem, a oportunidade de participar de atividades com metodologia diferenciada.

Observa-se que este programa tem beneficiado diariamente os bolsistas, pois eles têm demonstrado mais segurança no desenvolvimento do seu trabalho, conseguindo fazer uma leitura da sua prática pedagógica. Isto traz a eles a consciência de que é necessário e um dever de intervir na aprendizagem das crianças com responsabilidade, dando-lhes o direito, de fato ao conhecimento científico e a concepção ampla de letramento.



Estabelecer uma relação de confiança mútua é fundamental para minimizar a dificuldade comunicativa entre o professor e os alunos. Essa é a perspectiva da pedagogia culturalmente sensível e requer do professor sensibilidade e compromisso social que permita uma relação de igualdade e respeito, acreditando que todo aluno é capaz de construir uma aprendizagem significativa, independente da classe social a que pertença. Esta postura favorece o clima de confiança, permitindo que o aluno possa participar mais ativamente na construção do próprio conhecimento. Estudos apontam que as relações estabelecidas entre professor e aluno no processo de ensino-aprendizagem são decisivas ao possibilitar a construção do conhecimento. Nesse sentido, a relação pedagógica do professor pautada no respeito e afetividade favorece a produção do conhecimento como prática humanizada. (BAIBICH-FARIA; MENEGUETTO, 2004).

O trabalho desenvolvido e a participação de todos envolvidos no PIBID têm trazido um melhor entendimento do que é a formação para poder atuar em sala de aula. Tudo gira em torno da mediação; todos são mediados para se ter um resultado que traz uma completa satisfação; resultados positivos que, com certeza, no desenrolar da profissão, no caminhar pela área da educação, sempre se refletirá nas ações executadas durante as atividades, e o PIBID têm esse papel fundamental, despertar para o aprendizado, para a mediação para a conquista no espaço educacional sendo ele na escola.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula**. Campinas: Papirus, 1999.

BAKHTIN, M. M.; VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo, HUCITEC., 1992.



BAIBICH-FARIA, T. M.; MENEGUETTO, F. K. **Metodologia do ensino superior ou ética da ação do Professor**. Curitiba: UFPR/GT: Didática, 2004.

BULGRAEN, V. C. O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento. **Revista Conteúdo**, Capivari, v. 1, n. 4, ago./dez. 2010.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parecer Nº: CEB 02/2003**. Brasília: MEC, 2003.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 1998.

CARVALHO, É. B. de; PAPALÉO, A. L. Recreios ativos através do resgate das brincadeiras infantis. p. 61-70. In: BOCCALETTO, E. M. A.; MENDES, R. T.; VILARTA, R. (Org.). **Estratégias de promoção da saúde do escolar: atividade física e alimentação saudável**. Campinas-SP: IPES, 2010.

DRAGO, R.; RODRIGUES, P. S. Contribuições de Vygotsky para o desenvolvimento da criança no processo educativo: algumas reflexões. **Revista FACEVV**, Vila Velha, n. 3, p. 49-56, jul./dez. 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. **Diversidade cultural e educação para todos**. Juiz de Fora: Graal, 1992.

GIRARDELLO, G. **Uma clareira no bosque: contar histórias na escola**. Campinas, SP: Papyrus, 2014.

GÓES, L. P. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

MAGALHÃES, M. A. O que são de dedoches, 2010. Disponível em: <<http://artypano.com.br/2365-2/>>. Acesso em: 20 set. 2017.

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. In: FÁVERO, O.; IRELAND, D. T. (Org.). **Educação como exercício de diversidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2005. p. 37-58. (Coleção educação para todos. Volume 7). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13529:colecao-o-educacao-para-todos&catid=194:secad-educacao-continuada>. Acesso em: 16 set. 2017.

OMOTE S. Inclusão e a questão das diferenças na educação. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v. 24, n. Especial, p. 251-272, jul./dez. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10589>>. Acesso em: 14 ago. 2013.



OTERO, R.; RENNÓ, r. **Ninguém é igual a ninguém**. Editora do Brasil, 2017. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/celoym/ningum-igual-a-ningum-presentation>>. Acesso em: 16 set. 2017.

REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL (RECNEI). Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.

SACRISTÁN, G. **Poderes instáveis em educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SANTOS, E. S. **Trabalhando com alunos: subsídios e sugestões: o professor como mediador no processo ensino aprendizagem**. **Revista do Projeto Pedagógico; Revista Gestão Universitária**, n. 40. Disponível em: <http://www.udemo.org.br/RevistaPP_02_05Professor.htm>. Acesso em: 10 set. 2017.

SOARES, M. B. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

ZABALA, A. *Materiales curriculares*. In: T. MAULI, I. SOLÉ, L del CARMEN; A. ZABALA. **EL Currículum em el centro educativo**. Barcelona ICE/UB Horsori, 1998. p. 52-90.